

Rosa dos ventos

MAURICIO DIAS



"Estamos andando para trás em justiça social"

(Do economista Marcelo Neri, da FGV-RJ, sobre a queda do Índice de Gini brasileiro pela primeira vez em 22 anos)

Caixinhas pioneiras

► **Toda eleição é contaminada pelo dinheiro do caixa 2. Juscelino Kubitschek e Adhemar de Barros estão no começo desta história**

No depoimento feito ao juiz Sergio Moro, como testemunha de defesa do filho Marcelo, preso em Curitiba na Operação Lava Jato, o empresário Emilio Odebrecht disse que caixa 2 "sempre existiu". E precisou: "Desde a época do meu pai, Norberto".

Sempre existiu, mas também sempre foi crime e sempre foi tolerado.

As eleições aqui e além-mar são contaminadas pelo dinheiro. Embora não se trate de fruta genuinamente nacional, tem, entretanto, contribuição do jeitinho brasileiro.

Hoje chamada caixa 2, é a fonte da origem de quase todos os pecados na política. Floresceu a partir dos anos 1950 e 1960.

Nesse período ainda se falava em caixinha. Na eleição presidencial de 1950, havia a "caixinha" do mineiro Juscelino Kubitschek e a "caixinha" do paulista Adhemar de Barros.

JK disputou e ganhou a Presidência da República em campanha cheia de novidades.

Algumas inéditas. O candidato deslocava-se pelo País ora com um DC-3, ora em um Beechcraft. E comprava tempo na televisão. Foi preciso arrecadar muito dinheiro.

A coleta, chamada então de "donativo", foi coordenada por Negrão de Lima, ex-ministro da Justiça de Getúlio Vargas e, posteriormente, governador do estado da Guanabara. Os recursos, naquela época, eram praticamente restritos ao Sudeste.

Os problemas de doações, nos dias de hoje, são os mesmos de ontem. É curiosa a comparação com o registro feito pelo americano Edward Riedinger em livro sobre o governo JK.

Ele anotou: "As contribuições geralmente implicavam retribuição (...) uma vez vitorioso o candidato, o doador seria recompensado com alguma nomeação para cargo público e/ou vantagem pessoal e ninguém dava recibo como prova de tal pagamento".

Algo assim ocorreu com o mineiro Sebastião Paes de Almeida, um dos sustentáculos financeiros da campanha de JK. Foi recompensado com a presidência do Banco do Brasil e, posteriormente, com o Ministério da Fazenda.

Havia desvio dos "donativos" para a campanha de JK. Muitas vezes o dinheiro não ia para a eleição. Ficava nas mãos do coletor.

Adhemar de Barros perdeu essa eleição que JK venceu em 1955. Ele sofria com o peso do slogan "Rouba mas faz".

Em julho de 1969, poucos meses após a morte de Adhemar de Barros, a organização armada Var-Palmares assaltou a casa de Ana Capriglione, no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, levando um cofre com 2,5 milhões de dólares guardado por ela, ex-secretária e ex-amante do governador, que ao telefone, para esconder-lhe a identidade, chamava-a de doutor Ruy.

Era o cofre de Adhemar. Impossível registrar na polícia o roubo daquele objeto pesado e valioso e onde estava guardado o dinheiro de caixa 2. •



JK sabia: é dando que se recebe

O bardo aposta
no futuro



Temeridades I

Há muita gente tentando tirar uma lasquinha na histórica transposição das águas do Rio São Francisco. Projeto pensado no Império.

A seca atormentava os nordestinos e expunha a inércia dos governantes. Ninguém tomou a iniciativa em 153 anos.

Em 2007, Lula deu a partida e Dilma prosseguiu.

As obras terminaram no governo-tampão ocupado por Temer.

Cabia a ele inaugurar. E assim o fez: “Esta é uma obra pensada desde o Império (...) devemos dizer que é do povo brasileiro”.

Temeridades II

Michel Temer tem dado entrevistas assegurando que a história, cavalgando na popularidade, vai julgá-lo vitorioso.

Ele tem fé no futuro, apesar de ser perseguido por minguada popularidade:

“Mais à frente”, afirma.

A situação lembra o poeta que vendeu a alma ao diabo para, anos após a morte, voltar para ser finalmente celebrado. Trato feito.

Quando voltou, porém, não lhe faltaram os louvores, ninguém mais sabia dele. Era um bardo do naipe de Temer.

A história zomba dos vaidosos.

Temeridade III

Brasília é um caso semelhante ao da transposição.

Foi pensada em 1891 e assim registrada no artigo 1º da Constituição.

“Fica pertencendo à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 quilômetros quadrados que será oportunamente demarcada para nela estabelecer-se a futura Capital Federal.”

A cidade tem o DNA de JK, Lucio Costa e Oscar Niemeyer. Que outra paternidade Temer daria a ela?

Efeito Lava Jato

Tomou posse na presidência do Tribunal Regional Eleitoral do Rio de Janeiro a desembargadora Jacqueline Montenegro.

A cerimônia foi um exemplo do mal-estar entre os políticos e a Justiça. Apareceram por lá o prefeito do Rio, Marcelo Crivella, e o ex-deputado Índio da Costa, secretário municipal de Urbanismo, Infraestrutura e Habitação.

Só os dois.

Em anos idos compareceriam dezenas de políticos dispostos a engrossar aplausos aos magistrados.

A empossada, ao discursar, não poupou a política.

O bolso e a crise

Muitos advogados fluminenses estão sentindo o amargo sabor da crise econômica.

Disso resultou a maior inadimplência na história da OAB-RJ: 40%.

Que bicho é esse?

O Ministério da Cultura agora tenta acabar com um dos mais importantes e longevos ciclos de palestras no País, que patrocina.

São 30 anos de existência comprometidos com a difusão da filosofia.

O Minc alega, cego aos 35 volumes qualificados à sua frente, que a proposta não se enquadra na Lei Rouanet.

É mais uma arbitrariedade do governo Temer ou um revanchismo disfarçado?

Michelzão

Análise cruel de um grande publicitário brasileiro, após a sucessão de gafes, como ocorreu no Dia Internacional da Mulher, cometidas pelo presidente-tampão: “O Temer não é para ser exibido. É para ser escondido”.

mauriciodias@cartacapital.com.br